

Jornadas de Teologia Prática 2026:
“Quando falta a dignidade?!”

Instituto Religare da Universidade Católica Portuguesa
Seminário Maior de Coimbra
8 maio 2026

Tangerinas (2013), de Zaza Urushadze c. 83 min.

O que acontece quando dois inimigos - daqueles que, em circunstâncias normais, se matariam sem hesitar - são obrigados a partilhar o mesmo espaço... e, mais do que isso, a depender um do outro para sobreviver?

Boa noite. A convite de José Pedro Angélico, selecionei para esta noite o filme *Tangerinas*, realizado em 2013. É um filme que nos transporta para um dos capítulos mais cinzentos da história recente da Europa de Leste, Não obstante, fá-lo através de uma paleta de cores quentes: [o laranja dos pomares](#) que dão nome ao filme. A ação decorre em 1992, durante a Guerra da Abecásia, conflito armado e sangrento que surge na sequência da dissolução da União Soviética. Estamos no Cáucaso, uma região marcada por uma enorme complexidade étnica, cultural e política. Todavia, filme não é, propriamente, sobre a guerra enquanto evento histórico ou estratégico. Não há aqui uma tentativa de explicar causas, de distribuir culpas, ou de reconstituir batalhas. Dir-se-ia, que *Tangerianas* é espécie de redução da guerra à sua escala mais humana.

Chamo a atenção para o ponto de vista deste filme: concentrado num cenário reduzido, focado numa pequena e esquecida comunidade de imigrantes estónios que vivia ali há gerações.

A ação centra-se num homem idoso, Ivo, carpinteiro de poucas palavras, um estónio que decide permanecer na sua aldeia apesar de quase toda a população ter partido.

A guerra aproxima-se, mas ele continua ali, a cuidar da sua casa e a ajudar o seu vizinho e amigo Margus, que se recusa a partir enquanto as suas tangerinas não forem colhidas. É um detalhe aparentemente banal, mas que acaba por funcionar como um contraponto simbólico à violência em redor.

2.

Este filme é o legado de Zaza Urushadze (1965-2019), realizador georgiano precocemente falecido, em 2019, com 54 anos de idade. Urushadze conseguiu algo pouco habitual: uma co-produção entre a Geórgia e a Estónia que funde as duas sensibilidades.

De um lado, temos o contexto do conflito georgiano; do outro, um ritmo cinematográfico que lembra o cinema nórdico – contido, silencioso, onde o que não é dito tem tanto peso como o diálogo.

Urushadze não quis fazer, repito um filme de guerra no sentido tradicional, mas sim, na sua expressão, “fábula pacifista”, focada naquilo que resta de nós quando tudo o resto é destruído: a nossa substancial humanidade.

3.

A história ganha uma nova dimensão quando a guerra bate, literalmente, à porta de Ivo. Após uma escaramuça sangrenta à porta da sua casa, Ivo encontra dois sobreviventes feridos. O problema? Pertencem a lados opostos.

Um é Ahmed, um mercenário checheno que luta pelo lado abecásio; o outro é Nika, um soldado georgiano. Ivo, num gesto de hospitalidade quase bíblica, decide acolher e cuidar de ambos sob o seu teto. E impõe uma regra inegociável: naquela casa, não se mata.

Temos, portanto, dois homens que, minutos antes, se tentaram matar, e que agora são obrigados a partilhar refeições e a convalescer no mesmo espaço. Sem dar *spoilers*, posso dizer que o filme não se foca na política do conflito, mas no processo de “desumanização” do inimigo. É fácil odiar um exército; é muito mais difícil odiar um homem com quem partilhamos o pão.

4.

Tangerinas foi uma das maiores surpresas do cinema internacional na última década. Apesar de ser um filme de baixo orçamento e produção independente, a sua mensagem ressoou em todo o mundo.

- Foi nomeado para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2015, representando a Estónia.
- Recebeu uma nomeação para os Globos de Ouro.
- Venceu inúmeros prémios de público e de realização em festivais como o de Varsóvia e Bari.

A razão deste sucesso parece-me simples: a sua universalidade. Embora o conflito seja, como disse, a guerra da Abecásia de 92, esta história poderia ser contada hoje na Ucrânia, no Médio Oriente ou em qualquer fronteira onde o ódio ideológico cega os indivíduos.

O filme questiona: “O que é que nos define? A bandeira que servimos ou a forma como tratamos quem está vulnerável?”

5.

Para terminar, deixo-vos três pontos de atenção para a vossa visualização:

1. O ator que interpreta Ivo (Lembit Ulfsak) é o coração do filme. Reparem como ele mantém a autoridade moral apenas com o olhar, sem nunca precisar de levantar a voz.
2. Reparem como a fotografia utiliza a beleza natural do pomar e a cor vibrante das tangerinas como contraponto ao cinzento da morte e das armas.
3. Apesar da premissa dramática, o filme tem momentos de ironia e um humor muito inteligente.

Gosto muito deste filme – e espero que, de alguma forma, ele também vos toque.

Boa sessão a todos.